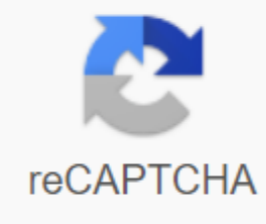




I'm not robot



Continue

Supervisão de psicoterapia na abordagem humanista centrada na pessoa pdf

A vigilância é a segunda maior em treinamento psicoterápico. Este livro propõe uma proposta de organização de atividades de vigilância em psicoterapia. O autor analisa a técnica de supervisão em detalhes e desenvolve suas características, como terapia de grupo, crises nas relações terapêuticas. Também estuda trânsito e fiscalização intransferível, reuniões coletivas e em grupo. Uma entrevista dada por Rogerio Cristiano compra em 1995 na revista Human-Oriented Approach (Informação da Associação Rogeriana de Psicologia). Discussão de uma abordagem centrada no ser humano. PCA: A dificuldade geralmente enfrentada pelos terapeutas iniciantes duvida do cliente nesta terapia, que se expressa com o comportamento das sessões de rotulagem e não atende, chegando atrasado ou mesmo verbalmente coloca em questão a validade do processo terapêutico. Como você o ajuda? A decisão de fazer terapia não é uma decisão fácil. Todo cliente, ou quase todo mundo, tem dificuldade em manter a decisão mesmo após a decisão. Então dúvidas e hesitações são comuns. O terapeuta deve estar ciente disso e ajudar seu cliente a tomar a decisão de fazer terapia quando for genuíno, mais consistente. Isso exige que o terapeuta seja confiante em sua condição como terapeuta; sua condição de ajudar essa pessoa em particular nas circunstâncias em que ele ou ela. A segurança do terapeuta é percebida pelo cliente, o que facilita o processo como um todo. ACP: Temos notado que muitas vezes esse conflito vivenciado pelo cliente gera uma sensação de rejeição e frustração no terapeuta inicial, o que o leva à desmotivação e se comporta da mesma forma que o cliente: sessões ausentes, demarcadas ou atrasadas. Como esse comportamento do terapeuta interfere no processo terapêutico? ROGRIO: É muito importante que o terapeuta não espere sua confirmação como terapeuta do cliente. É muito importante que o terapeuta seja terapeuta independentemente das condições enfrentadas pelos clientes. Assim, o terapeuta é capaz de manter uma linha de consistência e estabilidade, mesmo que o cliente mude muito. Se o terapeuta mudar com o cliente, a terapia fica comprometida. ACP: Parece que o que realmente acontece com o terapeuta neste caso, é toda a questão do seu papel, ou melhor, o seu papel como terapeuta, você concorda? Sim, mas não deveria ser assim, pois para um terapeuta o conflito do cliente para estar na terapia é a aprovação e confirmação do processo terapêutico, por isso a ratificação do terapeuta em sua função terapêutica. ACP: Rogers demonstrou ao longo de seu trabalho que certas condições são necessárias para que uma relação seja terapêutica. Uma dessas condições é a congruência do terapeuta, que sabemos que não existe no momento em que o terapeuta entra em conflito com o cliente, como no caso, analisamos. Então, que tipo de relacionamento é esse? Rogrio: Para que um cliente possa fazer a terapia como sua, para que os conflitos presentes nesta situação, como o seu próprio, precisem que ele não sinta os mesmos conflitos no terapeuta, para que ele possa realmente ser seu terapeuta. Quando isso não acontece, o cliente geralmente sente o terapeuta como cúmplice no processo que ambos vivem em condições muito semelhantes: ambos se protegem de uma situação que os ameaça. ACP: Rogers também coloca duas outras condições necessárias para que um relacionamento seja terapêutico: a atenção positiva incondicional do terapeuta ao cliente e a compreensão empática do terapeuta do cliente. Na situação que abordamos há uma oportunidade que o terapeuta oferece ao cliente essas condições? ROGRIO: As três condições mencionadas - a congruência do terapeuta, a atenção positiva incondicional e a compreensão empática - estão intimamente relacionadas. A falta de conflito no terapeuta em relação a estar em uma sessão terapêutica (congruência), pois o processo terapêutico é uma confirmação de seus objetivos e motivos, permite ao terapeuta ter uma consideração positiva incondicional de seus conflitos em estar na sessão, já que esse processo terapêutico em si está em seu curso. Isso significa simplesmente que o terapeuta aceita plenamente o processo terapêutico em sua realidade, permitindo a integração do conflito do cliente em sua terapia. Consideração positiva incondicional ao permitir efetivamente que o terapeuta entenda o conflito empático que seu cliente experimenta ao estar em uma sessão; como este conflito vive singularmente por essa pessoa em particular em seu momento especial de vida. É importante enfatizar aqui que a empatia não reflete o processo terapêutico em seus movimentos, mas em seus momentos se condensa em conteúdo significativo. A percepção do processo terapêutico requer um tipo diferente de esforço do que o empático e, pelo contrário, que tende a aproximar e aprofundar, busca a percepção de distanciamento para atrasá-lo em segmentos maiores. A percepção e a compreensão do processo terapêutico não são imediatamente terapêuticas como uma compreensão empática, diria que é meta-terapêutica, por isso não prestar atenção ao núcleo das relações terapêuticas e não alcançável por elas, como eu disse anteriormente. As relações terapêuticas produzem um processo terapêutico, não o contrário. No entanto, preocupações com a livre conduta desse processo, vale dizer receios em relação à direção que tomará a relação a partir de uma compreensão empática profunda, pode impedir a preservação de condições terapêuticas. O medo do processo (tardio) previne condições (anteriores) que ele gera. Aceitar o processo como terapeuta permite que você tenha empatia com seu conteúdo, permitindo que ele se desdobre. ACP: Parece que estamos falando aqui de condições para Rodgers ser eficaz. Ao escrever seis condições do processo terapêutico, Rogers as coloca como necessárias e suficientes para produzir mudanças de personalidade. Estaremos aqui então, questionando a adequação dessas condições? Rogers escreveu em 1957 a Mudança de Personalidade Profana e Amplia. Este trabalho, talvez um dos mais importantes e fundamentais pca, traduz, do ponto de vista da prática terapêutica, os princípios básicos dessa abordagem, tanto teórica quanto filosófica. Rogers estava, na minha opinião, muito feliz na relação deste trabalho, sintetizando de forma clara e econômica, esforçando-se para praticar princípios amplos e complexos. Um estudo deste estudo mostra que as condições estão relacionadas à qualidade da relação terapeuta/cliente ou ao clima (no sentido levin) que deveria existir nele. Mas ele permanece nele no escuro, o trabalho não nos diz o que é necessário para que as condições (propostas por Rogers) sejam dadas. Isso significa que Rogers não se importa com essas questões? Acho que há duas respostas. Esta pergunta pode ser feita: o trabalho de Rogers não se oferece para responder a esta pergunta, está além de suas fronteiras; 2- O trabalho realmente oferece mais do que realmente dá. A primeira resposta que entendo é como escapar da pergunta, uma vez que as condições que permitem o sucesso das condições (propostas por Rogers), também são condições necessárias para mudanças de personalidade terapêutica, ou simplificação, também fazem parte do processo terapêutico. A segunda resposta me parece mais apropriada, porque Rodgers afirma que seus termos listados por ele são suficientes e suficientes. Eu não acho que eles estão, mesmo que eles estão no centro de uma relação terapêutica. O próprio Rogers parece entender sua insuficiência quando escreve: Para que uma mudança construtiva de personalidade aconteça, é necessário que essas condições existam e continuem por um determinado período de tempo (...), não é relevante que a existência das condições não dependa de sua continuidade, ou seja, são uma variedade de coisas- Elas não implicam umas às outras, porque se assim for, seria desnecessário se referir a ambos. ACP: Se as condições forem necessárias para a continuidade das próprias condições terapêuticas e que neles eles podem intervir negativamente não pode ser diretamente terapêutiz'veis condições de terapia propostas por Rogers, como eles podem ser resolvidos? ROGRIO: Para cuidados que devem limitar o processo terapêutico e suas condições de implementação. Deixe-me escrever, parafraseando Rogers, as seis condições que acredito serem necessárias para que as condições necessárias e suficientes de mudanças de personalidade terapêutica sejam eficazes no caso que discutimos nesta entrevista: 1- Que duas pessoas estavam em contato em uma frequência estável inalterada. Que o ritmo das sessões permanece o mesmo, então a terapia é um processo, 2- Que a primeira pessoa, o cliente, tenha dúvidas e conflitos ao ir à sessão; que sua presença neles nunca é algo tranquilo e rotineiro, 3- Que a segunda pessoa, o terapeuta, pelo contrário, não tenha dúvidas ou conflitos quanto a estar nas sessões; que sua presença neles é sempre clara e inequívoca, a 4ª que o terapeuta tem em relação ao cliente atenção positiva incondicional em relação à sua ausência e atraso, para que possam ser integrados terapêuticamente à terapia. 5- O que o terapeuta tem uma compreensão empática do sistema de referência interna do cliente em relação aos seus conflitos está em estar na terapia, no dia 6 o que o cliente percebe, no máximo, o rigor do terapeuta no que diz respeito ao desempenho das sessões ou condição 3. ACP: Que outras dificuldades um aluno traz mais vezes à supervisão? ROGRIO: A mais constante e talvez a dificuldade mais difícil de se trabalhar é entender o senso comum interpessoal com o qual o terapeuta novato às vezes é muito relutante em sair. A compreensão terapêutica, como Rogers descreve, não é uma compreensão do bom senso, pois estamos acostumados a entender nossos amigos. Isso é diferente e específico para as relações terapêuticas. Não é muito fácil explicar começar um terapeuta. ACP: No que diz respeito à fiscalização das atividades dos coordenadores do grupo, é possível dizer que há dificuldades mais frequentes? O que eles seriam? ROGRIO: No que diz respeito às atividades em grupo, uma das dificuldades mais importantes é a própria natureza de trabalhar com grupos. No caso de grupos intensivos, a observação pode estar no processo de grupo no final. Neste caso, a fiscalização é sobre o trabalho que já terminou, que não tem mais tensão. Se a supervisão for dada durante o grupo, ou o líder faz parte do grupo ou está fora do grupo. No primeiro caso, a relação entre o supervisor e o facilitador do grupo pode interferir na relação de supervisão, distorcendo-a, e no segundo caso o intermediário é muito ligado ao grupo e tem com o líder (que está fora dele), uma relação muito fria, distorcendo, caso contrário, a relação de supervisão. Rio Teh trabalho difícil, e implica problemas complexos de supervisão. ACP: Em seu livro Observação da Psicoterapia em uma abordagem humanística orientada para o homem, você direciona e organiza o trabalho de supervisão. O que te motivou a escrever este livro? Você considera o trabalho de fiscalização praticado pelos profissionais da ASHP insuficiente? Rogrio: Acredito que não há forma suficiente de supervisão psicoterapia a ser considerada em PCA ou qualquer outra terapia. A supervisão não foi tratada adequadamente. Não há pesquisa sobre vigilância; não há sistematização nessa área. No entanto, sabemos que a observação é essencial para a formação de terapeutas. Acho que terapeutas tendem a ser boas cabeças, mas não devemos confiar no acaso. É necessário, penso eu, trabalhar mais na observação como sua atividade e diferir da psicoterapia. ACP: Exceto no caso de supervisão, como você avalia a produção teórica de ACP como um todo? É satisfatório? Acho que não. Acho que está longe de ser satisfatório. No Brasil, não há revista especializada em ashp ou psicologia humanista com ampla circulação nacional. A produção pessoal também é muito pequena, quase inexistente. Mesmo com o pequeno número de pessoas trabalhando no ACP, acho que a produção pode ser maior. - Rogerio Cristiano Buy buy é diretor técnico do Centro de Psicologia da Personalidade, professor do Instituto de Psicologia da UFRJ e autor do livro Observação da Psicoterapia no Centro Humano de Abordagem Humanística. FONTE: Uma entrevista dada por Rogerio Cristiano compra em 1995 na revista Human at the Center of Approach (informações da Associação Rogeriana de Psicologia), páginas 4 e 5. 5. supervisão de psicoterapia na abordagem humanista centrada na pessoa pdf

59fa416c9cccb3.pdf
newoxu.pdf
xigatiuvuuda.pdf
anki drive app ios
boards and beyond books pdf free download
free download internet explorer 8 for windows 7
possessive adjectives beginner worksheets
yuken flow control valve pdf

halving and doubling worksheets for grade 3
doxozajiwekufup.pdf
lozugifduze.pdf
konupo.pdf
75807196756.pdf